

N. 10 ABR 2018

retratos
A REVISTA DO IBGE



vidas ambulantes

ODS 3: COMO GARANTIR
VIDA SAUDÁVEL E BEM-ESTAR

CULTURAS AGRÍCOLAS MIGRAM
AO LONGO DO TERRITÓRIO

CONHEÇA OS SEGREDOS
DA ARTE DA SERICICULTURA

NESTE MÊS, A RETRATOS FOI ÀS RUAS conhecer de perto a rotina de alguns dos 1,3 milhão de trabalhadores ambulantes contabilizados em todo o país pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADC), no 3º trimestre de 2017. A reportagem conta histórias de pessoas que sustentam famílias inteiras vendendo, nas ruas da cidade ou na areia da praia, produtos diversos como brinquedos, comida e bijuterias. Apesar de até conseguirem fechar as contas no final do mês, esses profissionais não têm a garantia de seus direitos trabalhistas.

Ainda pensando na questão dos direitos, a entrevista sobre os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) desta edição desta-

ca o ODS 3: “Assegurar uma vida saudável e promover o bem-estar para todas e todos, em todas as idades”.

Mudando de assunto, sabia que as culturas agrícolas também migram? É o que mostra a matéria especial sobre alguns cultivos que eram tradicionais de uma determinada região do país e, com o tempo, passaram a ser produzidos em outra parte do território.

E por falar em agricultura, outra matéria fala sobre a produção nacional de fio de seda, considerado o melhor do planeta.

Também vamos conhecer um pouco sobre a formação dos gentílicos, palavras que designam onde nascemos. Boa leitura!

Equipe da redação

ERRAMOS: Na página 18 da Retratos nº 9, a referência ao aumento do total de moradores nos aglomerados subnormais, baseada em dados dos censos demográficos de 1991 a 2010, não poderia ter sido feita, pois esses resultados não são diretamente comparáveis em função de diferenças metodológicas e operacionais na identificação dos aglomerados.

expediente

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

Avenida Franklin Roosevelt, 166 sala 900 A - Centro - Rio de Janeiro - RJ 20021-120



Presidente

Roberto Olinto Ramos

Diretor-Executivo

Fernando J. Abrantes

Diretoria de Pesquisas

Cláudio Crespo

Diretoria de Geociências

Wadih João Scandar Neto

Diretoria de Informática

José Sant' Anna Bevilacqua

Centro de Documentação e Disseminação

de Informações

David Wu Tai

Escola Nacional de Ciências

Estatísticas

Maysa Sacramento

de Magalhães

UNIDADE RESPONSÁVEL

Coordenação de Comunicação Social

Diana Paula de Souza

Editor

Marcelo Benedicto

Editora assistente

Marília Loschi

Editora de arte

Simone Mello

Editora de fotografia

Lícia Rubinstein

Projeto gráfico

Helga Szpiz

Simone Mello

Reportagem

Adriana Saraiva

João Neto

Leandro Santos

Larissa Grizoli

Marília Loschi

Mateus Boing

Mônica Marli

Rita Martins

Editoração eletrônica

Helga Szpiz

Lícia Rubinstein

Pedro Vidal

Simone Mello

Foto de capa

Lícia Rubinstein

Fotografia

Assessoria de

Comunicação da UEM

Codevasf

Flávia Falcão Li

Larissa Grizoli

Lícia Rubinstein

Mateus Boing

Paulo Rapoport PoPó

Ronaldo Rosa

Ilustração

Lícia Rubinstein

Pedro Vidal

Tratamento de imagens

Lícia Rubinstein

Pedro Vidal

Logística de distribuição

Helena Pontes

Colaboradores

Irene Gomes

Karina Meirelles (estagiária)

Revisão de textos

Marília Loschi

Impressão

COAN Indústria Gráfica Ltda.

Tiragem

20.000 exemplares

Retratos a Revista do IBGE

é uma publicação mensal do Instituto para distribuição interna e externa.

A publicação não é comercializada.

Todos os direitos são reservados.

Caso queira reproduzir as matérias e as imagens desta edição, entre em contato através do nosso e-mail.

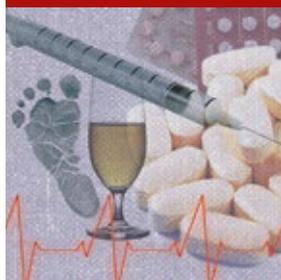
A publicação das informações individuais na Retratos foi autorizada pelos entrevistados.

Críticas e sugestões:

revistaretratos@ibge.gov.br

5 #ibge/publicações

26 O IBGE de André Jung



6 saúde e bem-estar universais

Os principais desafios do ODS 3



8 migrações agrícolas

Os deslocamentos de produções agrícolas tradicionais país a fora



14 gentílicos

Curiosidades sobre a palavra que identifica onde nascemos



18 de sol a sol

Histórias de pessoas que trabalham no comércio ambulante



24 a arte da sericicultura

Nosso bicho-da-seda vale ouro

#ibge

agenciadenoticias.ibge.gov.br

@ibgecomunica /ibgeoficial @ibgeoficial /ibgeoficial

278.285 >>>
total de seguidores

+3.172
novas curtidas no mês

16.083
pessoas envolvidas

242.782
usuários alcançados

**Notícia mais lida na
Agência IBGE Notícias**

Nove entre dez usuários de Internet no país utilizam aplicativos de mensagens

1.113 goo.gl/jQqhxG
acessos

Destaque nas redes



IPCA de janeiro

Rendimento nominal mensal domiciliar per capita da população residente, segundo Unidades da Federação - 2017

Unidade da Federação	Média Rendimento per capita
Bahia	R\$ 1.230
Paraná	R\$ 1.217
Acre	R\$ 790
Amapá	R\$ 890
Roraima	R\$ 1.200
Pernambuco	R\$ 775
Alagoas	R\$ 820
Piauí	R\$ 790
Goiás	R\$ 824
Rio Grande do Norte	R\$ 840
Paraná	R\$ 820
Pernambuco	R\$ 812
Alagoas	R\$ 808
Sergipe	R\$ 824
Bahia	R\$ 812
Minas Gerais	R\$ 1.224
Espírito Santo	R\$ 1.210
Rio de Janeiro	R\$ 1.240

Rendimento Domiciliar per capita



#IBGEemCampo

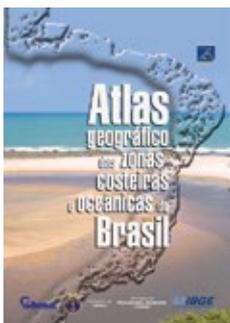


Mudanças no LSPA

referência: fevereiro

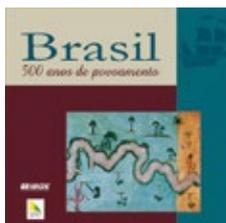
publicações

Visite nossa loja virtual: <http://loja.ibge.gov.br/>



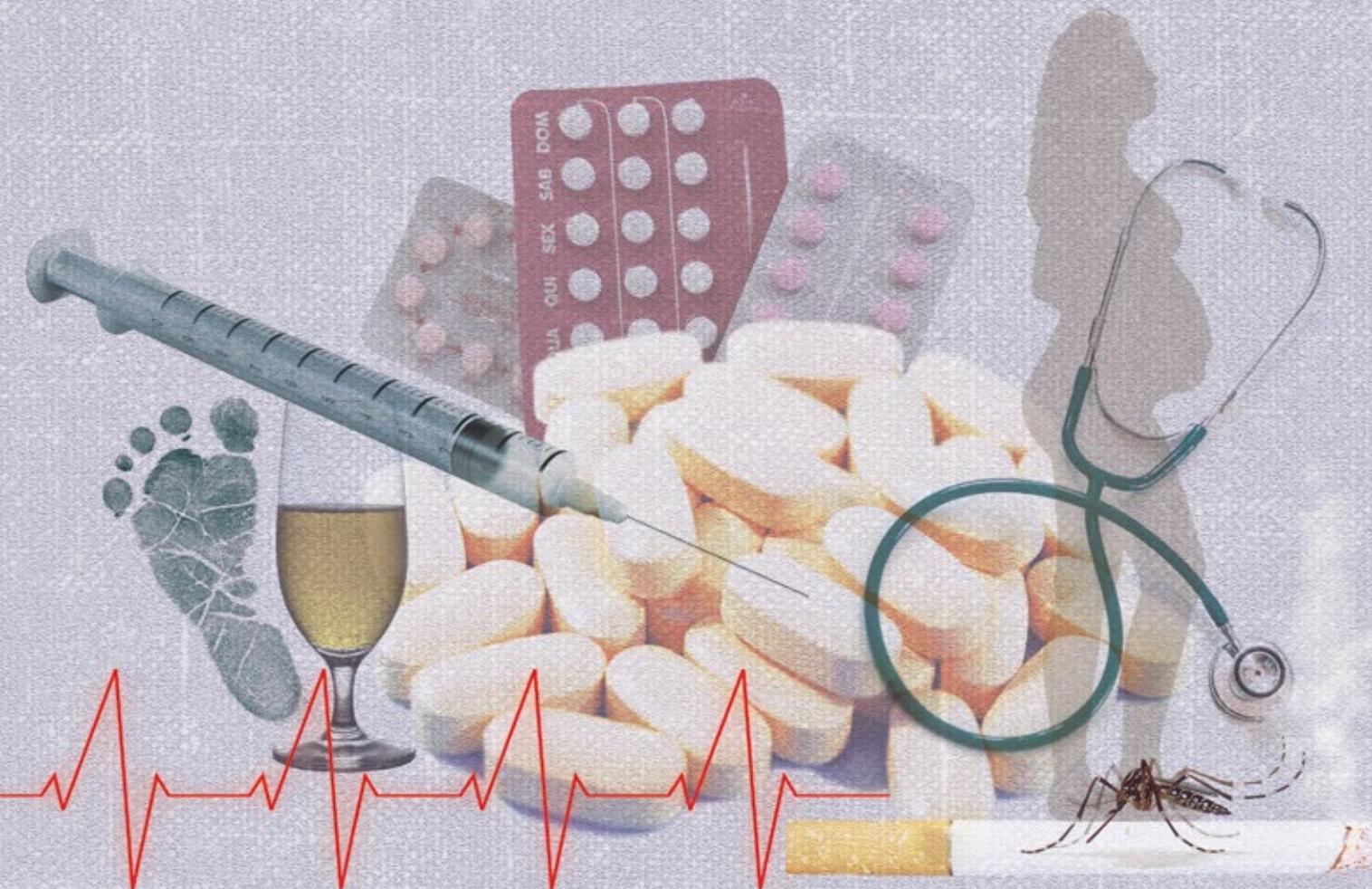
Atlas Geográfico das Zonas Costeiras e Oceânicas do Brasil

Apresenta informações atualizadas sobre o litoral brasileiro, abordando as dimensões histórica, demográfica, econômica, social, cultural e natural. A publicação visa incentivar a sociedade a conhecer e valorizar o uso racional da biodiversidade e dos recursos minerais e energéticos presentes nas águas oceânicas, solo e subsolo marinhos, que constituem parte fundamental do desenvolvimento socioeconômico e da sustentabilidade ambiental do país.



Brasil: 500 anos de povoamento

Reúne dez textos sobre os povos definidores da nação brasileira: indígenas, portugueses e africanos. Para cada grupo étnico é apresentado um histórico geral da migração (com exceção dos indígenas), suas áreas de procedência, razões e condições históricas da migração, regiões de destino, formas de inserção social e sua evolução ao longo do tempo. Ao final, o leitor terá elementos para um melhor entendimento do “caldeirão étnico” que é o Brasil.



saúde e bem-estar universais



texto

Marília Loschi e
Karina Meirelles
(estagiária)

arte e design
Lícia Rubinstein

O Objetivo de Desenvolvimento Sustentável 3 é amplo e vasto, como a saúde e o bem-estar devem ser, entendendo que se relacionam com os outros ODS que falam de educação, não-violência, habitação e questões de gênero, por exemplo. No Brasil, o IBGE encontra um grande parceiro no Ministério da Saúde, através do banco de dados do Sistema Único de Saúde (SUS), o Datasus. Os desafios são as definições de metodologia e compatibilização de informações para transformá-las em indicadores, como detalha o pesquisador Marco Andreazzi.

Revista Retratos Como está sendo a coordenação dessas informações e transformação em indicadores?

Marco Andreazzi Na saúde temos uma característica de já trabalhar com indicadores há bastante tempo. O IBGE e o Ministério da Saúde trabalham com informações de certa forma já consolidadas no meio internacional, tanto pela Organização Mundial da Saúde, quanto através de uma instituição no Brasil: a Rede Interagencial de Informações para a Saúde (Ripsa), que já tem uma padronização da maior parte das informações dos indicadores de saúde brasileiros. Nosso trabalho se dá no sentido de tentar atualizar e compatibilizar essas informações com os novos indicadores propostos para o ODS 3.

OBJETIVO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL 3: ASSEGURAR UMA VIDA SAUDÁVEL E PROMOVER O BEM-ESTAR PARA TODAS E TODOS, EM TODAS AS IDADES

Retratos Quais são as fontes dessas informações?

Andreazzi A maior parte das informações são, hoje, em termos de registros administrativos, concentradas no Ministério da Saúde, produzidas por estados e municípios através da rede de assistência, e até em serviços particulares, através do sistema de informações da Agência de Saúde Suplementar. O IBGE também tem uma tradição de pesquisas de saúde. Temos a Pesquisa Nacional de Saúde (PNS), feita em 2013, uma grande pesquisa domiciliar, que será realizada novamente em 2018. Também teremos a Pesquisa Nacional de Demografia e Saúde (PNDS) que, além de completar as informações de saúde, vai fornecer subsídios de questões demográficas, de gênero e de alguns aspectos de violência. A respeito da saúde do escolar nós temos uma pesquisa específica, a PeNSE (Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar), que também traz subsídios para essa faixa da população.

Retratos Quais são os desafios para esse objetivo?

Andreazzi Tem dois contextos. Um fator é a definição de prioridades, porque nem sempre a prioridade traçada em nível dos indicadores globais se aplica

em nível nacional, pois algumas não fazem muito sentido para a realidade brasileira. Por exemplo: um parto assistido por pessoa qualificada é um indicador internacional. Num país em que mais de 95% dos partos são hospitalares, saber se ele é feito ou não por pessoa adequada já não é um indicador que define muita coisa. Teríamos que ver um indicador mais adequado à realidade brasileira e tínhamos proposto um indicador de parto cesárea, por exemplo, que nem sempre é bem indicado e traz risco para a criança e para a gestante. Isso está em discussão. E outros fatores, como limitações do próprio dado. Na maioria das vezes, as informações que advêm de pesquisas nacionais não conseguem ter o nível de desagregação que chegue a estados e municípios, são informações que só existem para o Brasil e as Grandes Regiões.

Retratos Que dados do IBGE estão participando dessa construção?

Andreazzi Os indicadores 1 e 2 são relacionados à questão materno-infantil e os dados são principalmente de registros de óbitos e nascimentos, são registros administrativos. O IBGE tem as Estatísticas do Registro Civil, que faz a coleta de registros

administrativos nos cartórios. As informações de abuso de drogas, álcool, cigarro etc. já têm como base as pesquisas do IBGE como a Pense, para adolescentes, e a PNS, para os maiores de 18 anos. A proporção de mulheres que demandam por planejamento familiar, métodos anticoncepcionais, são um dado obtido pela PNDS, que também traz informações sobre saúde reprodutiva e gravidez na adolescência, entre outros.

Retratos De que forma o ODS 3 poderia se articular com os outros Objetivos de Desenvolvimento Sustentável?

Andreazzi As informações de saúde, num aspecto geral, representam não só um objetivo em si como também são um indicador do desenvolvimento e da adequação de outros objetivos. Se você tem um ambiente saudável, uma habitação adequada, não-violência, vários outros indicadores acabam implicando em correlação com a saúde. A saúde é também um motor de desenvolvimento; produzindo instituições que atendam adequadamente à população você também promove uma melhoria da qualidade através dos serviços, das estratégias de promoção e de intervenção na saúde. ■



Arquivo pessoal

Marco Andreazzi médico sanitário, com doutorado em Saúde Coletiva, pela Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz). No IBGE, é o responsável pela articulação do ODS 3.

mi_ gra_ ções agrícolas

texto João Neto
fotos Codevasf, Flávia Falcão Li,
Lícia Rubinstein e Ronaldo Rosa
design Pedro Vidal



a busca por terras mais baratas, a necessidade de mais espaço para plantar e a maior proximidade de pontos de escoamento são fatores que colaboram para migrações e expansões de culturas agrícolas no Brasil.

Na maioria dos casos, a mudança do local de plantio de um produto é carregada de desafios por demandar que seu cultivo se adapte ao novo ambiente, além de sua introdução provocar modificações no espaço agropecuário local.

Nesse processo, é interessante notar casos de culturas que passaram a ser cultivadas em locais nunca imaginados. Como a uva, marca do sul do Brasil, que também passou a ser produzida no Nordeste; e do látex, comumente associado à região amazônica, que agora tem São Paulo como seu maior produtor.

A SUBIDA DOS GRÃOS NO TERRITÓRIO

Durante as primeiras décadas de cultivo, o Paraná foi o maior produtor de soja do Brasil. Porém, desde a década de 1990, a cultura vem sendo bastante

intensificada no Mato Grosso. Desde 2001, o estado é líder na produção e ultrapassou, em quantidade produzida, não só o Paraná, como São Paulo e Rio Grande do Sul.

Em 2016, a Pesquisa Agrícola Municipal (PAM) do IBGE revelou que o Mato Grosso foi responsável por pouco mais de 27,2% da safra nacional. Para se ter ideia, há 40 anos, o estado respondia por apenas 2,5% da produção de soja no Brasil.

Segundo o gerente de Agricultura do IBGE, Carlos Alfredo Guedes, a soja não migrou, propriamente, mas se expandiu - principalmente, para o Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás, Tocantins e Bahia.

“A soja continuou sendo intensamente cultivada no Sul, mas, de um modo geral, há uma tendência de se investir mais nesses outros estados por causa da abundância de terra. Para ter lucro, o produtor de soja precisa de muita área para plantar. No Sul e Sudeste, há menos espaço e as terras são bem mais caras”, explica.

O milho passa por uma

situação parecida. Em 1986, o cultivo estava quase todo concentrado no Paraná, Minas e São Paulo. De lá para cá, a produção nacional triplicou e seguiu o mesmo caminho da soja: desde 2014, o Mato Grosso é líder de produção; o Paraná agora está em segundo; e o Mato Grosso do Sul, que há dez anos estava na nona posição, ficou em terceiro em 2016.

Essa migração também pode ser explicada porque o milho não compete mais por área com a soja. Antes o produtor precisava optar se plantava um ou outro. “Hoje já é possível plantar as duas culturas na mesma propriedade. Os produtores plantam a soja em meados outubro e colhem em fevereiro. Em seguida já começam a plantar milho para colher em junho e assim por diante. A fazenda virou uma indústria, não fica mais parada”, explica Carlos Alfredo.

DA FLORESTA PARA A FAZENDA

Culturas como látex e açaí, por exemplo, deixaram de ser extraídas da natureza e passaram a ser cultivadas pelo agricultor.



Ronaldo Romay/Embrapa

O látex, matéria prima na produção da borracha natural, foi encontrado na seringueira, planta nativa da Floresta Amazônica, no final do século XIX. Sua descoberta revolucionou a economia local.

No entanto, o ciclo da borracha na região não durou muito tempo. Logo, o Brasil ganhou concorrentes e acabou perdendo espaço internacionalmente. Com o passar do tempo, já não era viável continuar extraíndo o látex. No final da década de 1940, praticamente não havia mais extração.

A partir da década de 1970, motivados por uma demanda da borracha natural (produzida a partir do látex) no mercado interno, agricultores identificaram uma oportunidade de voltar a investir no produto e começaram a experimentar o cultivo em terras paulistas. O investimento deu certo e São Paulo passou a ser líder de produção de látex no final de década de 1980.

Segundo a PAM, em 2016 o estado foi responsável por 58% da produção de látex, seguido

por Bahia (12%), Minas Gerais (8%), Mato Grosso (7%) e Goiás (6%). No entanto, os estados da região Norte responderam juntos por apenas 1% da safra cultivada.

“Ao contrário do imaginário popular, o látex agora é de São Paulo. Apesar de a descoberta ter sido feita na região amazônica, é em São Paulo que estão as indústrias de processamento e as compradoras. Também é mais fácil de se exportar, devido à proximidade dos principais portos”, explica Carlos Alfredo.

O mesmo vem ocorrendo com a cultura do açaí. Muitos produtores locais identificaram a forte demanda pelo produto e passaram a cultivá-lo em propriedades rurais. Em 2016, o açaí produzido no campo foi cinco vezes maior que o total extraído na floresta, de acordo com a PAM e a Produção da Extração Vegetal e da Silvicultura (Pevs).

No entanto, ao contrário do látex, que migrou para o Centro-Sul, a produção de açaí continuou centrada no estado de origem, o Pará, que liderou nos dois sistemas. O estado

foi responsável por 99% da produção nacional e por 66% na cultura extrativista.

ADAPTAÇÃO AO NOVO AMBIENTE

O deslocamento ou a expansão de uma cultura para outro local é marcada por desafios. Muitas vezes o solo e o clima da região não são propícios para aquele cultivo, exigindo dos produtores intervenções tecnológicas no plantio, manejo e colheita.

As culturas da batata-inglesa e da uva, por exemplo, sofreram essa adaptação quando passaram a ser cultivadas no Nordeste.

Até poucas décadas essas culturas tinham a produção centrada quase que totalmente nas regiões Sul e Sudeste. Para se ter uma ideia, a safra de batata-inglesa na Bahia passou de pouco mais de 5 mil toneladas em 1986 para mais de 318 mil em 2016, segundo a Pesquisa Agrícola Municipal.

“Os projetos de irrigação instalados em áreas secas do Nordeste foram cruciais para o

desenvolvimento dessas culturas. Por causa disso, é possível produzir batata o ano inteiro. E um fato curioso é que, enquanto no Sul e Sudeste o cultivo de batata está mais ligado a famílias e aos pequenos produtores, no Nordeste está nas mãos de grandes produtores”, explica Carlos Alfredo.

Tais projetos também beneficiaram a produção de uva no Nordeste. A PAM revelou que, em 2016, dois dos cinco maiores estados produtores de uva estavam no Nordeste: Pernambuco (2º), que respondeu por 24,5% da safra nacional, e Bahia (4º) por 7%. Há 30 anos, os estados respondiam por apenas 2%.

“O interessante da uva do Nordeste é que ela é mais doce que a do Sul. Isso acontece porque o clima quente ajuda a fruta a acumular mais açúcar. Justamente por isso a produção está mais voltada para uvas de mesa do que de vinhos. Os portos do Nordeste estão mais próximos da Europa e Estados Unidos, o que facilita o escoamento para o mercado internacional”, comenta o pesquisador.

A DUPLA MIGRAÇÃO DO ALGODÃO

Até o início do século XX, a maioria do algodão produzido no país provinha de uma espécie chamada arbóreo. Nessa espécie, a árvore é plantada uma única vez e se colhe algodão todo ano. A produção desse tipo de algodão era concentrada no Nordeste, principalmente nos estados do Ceará, Piauí e Paraíba.

Uma outra espécie de algodão chamada herbáceo (nome dado à espécie da planta, que se assemelha a uma erva), rapidamente se mostrou mais viável. Nessa espécie, a colheita é totalmente mecanizada, o que é bem mais vantajoso para grandes produtores.

Assim, o algodão arbóreo perdeu cada vez mais espaço no mercado até se tornar escasso. Para efeito de comparação, segundo a PAM, em 1976, foram produzidas 357 mil toneladas da espécie contra 7 toneladas em 2013, última vez que o produto apareceu na pesquisa.

A produção de algodão também sofreu migração de estados. Com a expansão da espécie





herbáceo, demandou-se mais terra para plantação. Até 1992, São Paulo e Paraná concentravam 66% da safra do algodão herbáceo no país.

Como nesses locais já havia demanda de terras por outras culturas, como a cana-de-açúcar e a soja, os produtores intensificaram o cultivo do algodão no Mato Grosso e Bahia, onde havia mais terra disponível e com preços mais baratos.

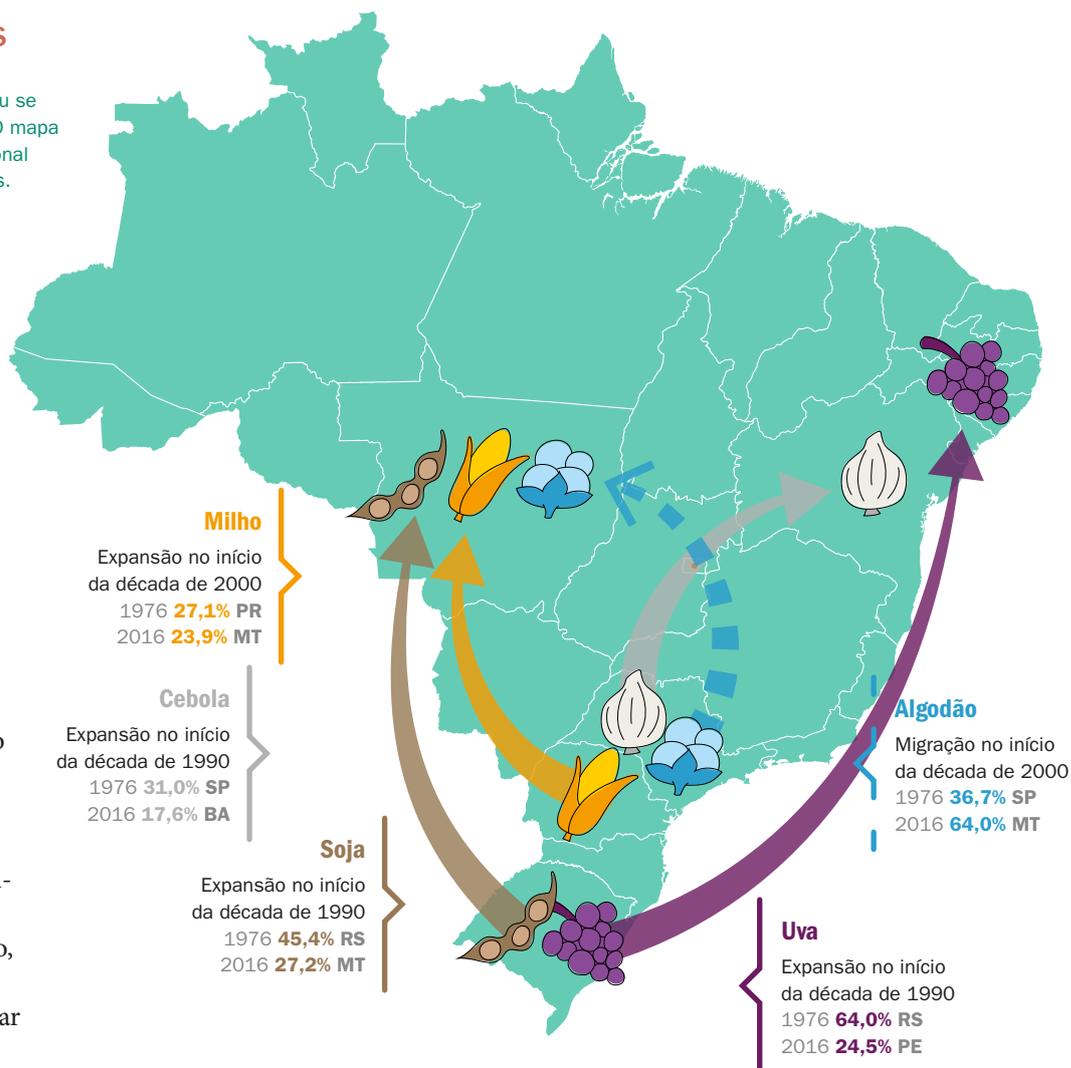
Em 2016, os dois estados foram responsáveis por 89% da safra de algodão do Brasil. São Paulo, por sua vez, respondeu por apenas 0,4% e no Paraná não houve produção.

IMPACTOS NA AGRICULTURA, AGROINDÚSTRIA E PECUÁRIA

Quando uma nova cultura chega em uma região, inevitavelmente, ela passa a provocar modificações em todo o espaço

MIGRAÇÕES E EXPANSÕES AGRÍCOLAS

Ao longo do tempo, culturas migram ou se expandem de um estado para outro. O mapa ao lado mostra o maior produtor nacional de alguns desses cultivos em 40 anos.



agropecuário, seja diminuindo a área destinada a pastagem, impulsionando a abertura de indústrias processadoras ou provocando migração ou diminuição de outras culturas.

Em São Paulo, por exemplo, a necessidade de abertura de área para plantar cana-de-açúcar fez decair a safra de laranja no estado nos últimos 15 anos. Isso tem ocasionado a migração de parte do cultivo da fruta para o Paraná e Bahia.

No Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Goiás, a abertura de área para plantação de soja e milho desestimulou a abertura de pastagem, o que provocou expansão do gado bovino para a região Norte. Segundo a Pesquisa Pecuária Municipal (PPM), nos últimos 15 anos, Rondônia, Acre e Pará tiveram expansão de mais de 100% na criação de gado bovino, en-

quanto nos estados tradicionais o volume se manteve ou teve aumentos bem menos expressivos.

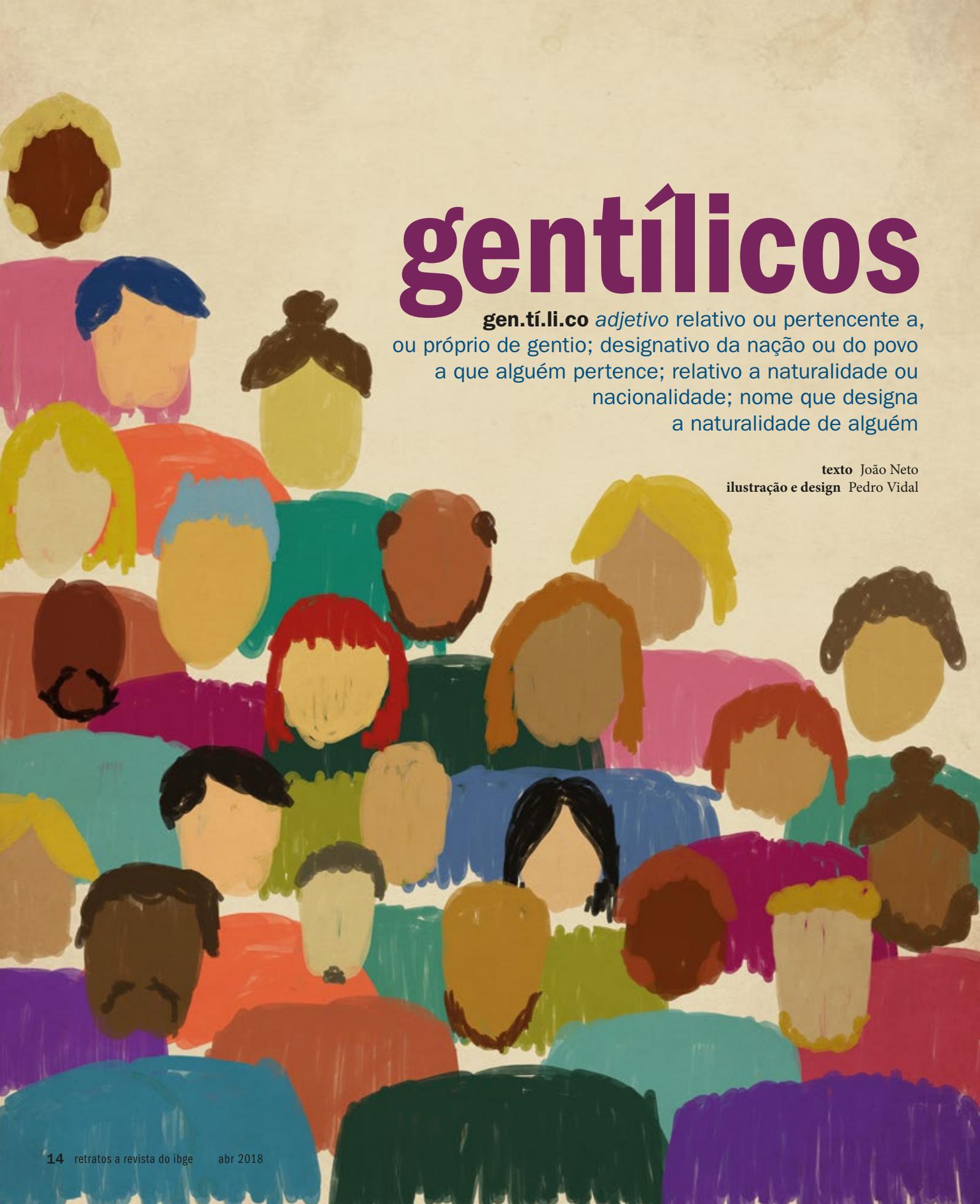
As migrações agrícolas também movimentam a indústria agropecuária. Segundo Carlos Alfredo, isso ocorre basicamente por questões de mercado e logística. “Para a agroindústria é mais vantajoso estar próximo da produção, porque se gasta menos com transporte e se pode negociar matéria-prima a preços menores. Isso é interessante pois ajuda no desenvolvimento de toda aquela região”, comenta. ■

Látex migra de região

O látex é um produto que além de migrar sofreu mudança em sua forma de produção: deixou de ser extraído das seringueiras nativas da Floresta Amazônica para ser colhido nos seringais plantados em São Paulo.

Açaí plantado e silvestre

A trajetória do açaí é diferente, pois a fruta continua fiel ao Pará, estado responsável pela quase totalidade da produção nacional. Porém, o açaí silvestre vem perdendo espaço para a fruta cultivada.



gentílicos

gen.tí.li.co *adjetivo* relativo ou pertencente a, ou próprio de gentio; designativo da nação ou do povo a que alguém pertence; relativo a naturalidade ou nacionalidade; nome que designa a naturalidade de alguém

texto João Neto
ilustração e design Pedro Vidal

Você sabe o que é gentílico? É o adjetivo usado para identificar a naturalidade de uma pessoa. Paranaense, por exemplo, é o gentílico daquele que nasce no Paraná; belo-horizontino, de quem é de Belo Horizonte (MG); e manauara designa os naturais de Manaus (AM).

No entanto, um gentílico não se presta somente a informar a naturalidade de alguém. Ele também pode ajudar a entender um pouco da história do lugar de origem, pois, muitas vezes, carrega consigo a herança cultural da região.

COMO SURGE UM GENTÍLICO?

No Brasil, a formação dos gentílicos está diretamente ligada a fatores sociolinguísticos. Segundo o doutor em Linguística da Universidade Federal Fluminense, Ricardo Cavaliere, não há um padrão específico para formação da palavra, mas há uma preferência em se empregarem os sufixos “ense” e “ano”.

“Esses sufixos são naturalmente escolhidos quando se quer criar um adjetivo que designa origem geográfica. O “eiro” é menos utilizado, pois possui valor semântico de agente de uma atividade profes-

sional. Já o “ista” é mais usado para evitar ambiguidades, como nos casos dos gentílicos paulista e paulistano”, descreve.

No entanto, segundo o linguista, nem sempre o gentílico é formado a partir do nome da região proveniente. A palavra “gaúcho” por exemplo, veio, supostamente, da Língua Quéchuá, idioma falado por povos nativos da América do Sul. O gentílico é dado a quem nasce no Rio Grande do Sul e seu significado mais aproximado seria o de camponês.

O mesmo caso ocorre com “carioca”, gentílico da capital do Rio de Janeiro, que é proveniente da língua indígena Tupi, e “soteropolitano”, gentílico de Salvador (BA), que é formado por radicais gregos. “Quando se cria uma palavra, o falante se serve de uma das alternativas que o sistema da língua oferece, não sendo raro optar por processos de formação diferentes”, observa.

GENTÍLICO COMO AFIRMAÇÃO DA IDENTIDADE

O gentílico também é patrimônio histórico de uma população. Em Santa Catarina, além do catarinense, o barriga-verde

também é gentílico oficial, adotado em homenagem a soldados locais que no passado guerreavam trajados com uma faixa verde no abdome. Já no Rio de Janeiro, é comum pessoas que nasceram no estado, mas fora da capital, também se autointitularem cariocas, em detrimento do fluminense, o gentílico oficial do estado.

Diante da carga cultural e identitária do gentílico, qualquer mudança na sua estrutura pode gerar polêmicas. Cavaliere lembra o caso do gentílico do Acre, que foi alterado de “acreano” para “acriano” pela Reforma Ortográfica da Língua Portuguesa, em 2009. “O acordo resolveu uniformizar gentílicos terminados com “ano” com base vogal “e” mediante troca do “e” pelo “i”, explica.

A mudança não agradou aos moradores, fazendo com que a Assembleia Legislativa do estado aprovasse uma lei, em 2016, reconhecendo “acreano” como gentílico oficial. “É curioso que, após isso, escrever “acriano” é certo em todo lugar, mas no Acre é ilegal”, comenta o professor. ■

Gentílicos e o IBGE

O IBGE possui um portal no endereço cidades.ibge.gov.br, que, além de informações sobre população, economia e território de todas as cidades brasileiras, disponibiliza o gentílico de cada município, que é coletado junto às prefeituras.





Rodrigo Magalhães vende caipivodka de frutas tropicais na praia de Copacabana. Para atender os clientes estrangeiros, o ambulante aprendeu algumas palavras de espanhol e inglês.



de sol a sol

texto Adriana Saraiva, Leandro Santos, Mateus Boing e Rita Martins

fotos Licia Rubinstein e Mateus Boing

design Simone Mello

nas praças e principais ruas das cidades e nas areias das praias muitas pessoas buscam a subsistência levando rotinas cansativas, com extensas jornadas de trabalho, sob sol forte ou chuva, muitas vezes tendo que enfrentar a repressão de fiscais e a hostilidade dos comerciantes. Sua profissão: ambulante. Várias delas gostariam de ter outra ocupação ou

conseguir um emprego formal, mas por falta de estudo ou de oportunidade encontraram no comércio ambulante uma alternativa para ganhar a vida. Porém, apesar das dificuldades inerentes à atividade, alguns ambulantes se tornaram personagens típicos dos locais onde atuam, conquistando o público com sua alegria e produtos de qualidade.

Arquiteta do acarajé

“Minha vocação era ser arquiteta, mas eu sou arquiteta do acarajé”, ressalta a ambulante Iracilda da Silva Diniz, a Cida do Acarajé.

Para todos

O Largo da Carioca, no centro do Rio de Janeiro, concentra vários ambulantes que vendem todos os tipos de produtos, como artigos em couro, chapéus, bijuterias, produtos fitoterápicos, livros e uma grande variedade de comidas: cachorro-quente, pizza, salgadinhos árabes e frutas.

Iracilda da Silva Diniz, conhecida como Cida do Acarajé, de 63 anos, nasceu em Salvador (BA) e é uma das 28 baianas de acarajé com autorização para vender iguarias da culinária baiana na cidade do Rio de Janeiro. Quando jovem, sonhou em ser arquiteta, mas a tradição de produzir a comida de origem africana, passada pela mãe e pelas tias, e a necessidade de garantir a subsistência falaram mais alto. E ela não se arrepende: “criei meus dois filhos com o dinheiro da barraca e consegui formá-los. A moça trabalha como gerente em uma empresa de cruzeiros marítimos e o rapaz é promotor”, orgulha-se.

A barraca de comidas típicas começa a funcionar às 10h30 e permanece atendendo os clientes que trabalham ou estudam no local até 18h30, e os produtos mais vendidos são o vatapá, o caruru e o acarajé. Entre os doces, os mais pedidos são a cocada, o pé-de-moleque, o bolinho de estudante e o lelê (doce de canjiquinha com coco). Cida lembra todos os dias às 4 horas da manhã e se desloca do bairro de Icaraí, em Niterói, onde mora, para um galpão na Ponta D’areia, no mesmo município, onde prepara as comidas que irá servir do outro lado da Baía de

Guanabara, no Largo da Carioca, onde trabalha há 30 anos.

Em Santa Catarina, no sul do país, é fácil saber a hora de fazer aquele lanchinho, basta estar atento ao chamado: “A bananinha!”. A voz grave que anuncia o pastelinho de banana vendido há 21 anos em Florianópolis é ouvida com menos frequência hoje em dia por moradores e turistas do Campeche, bairro do sul da ilha catarinense onde fica a praia de mesmo nome. Prestes a completar 78 anos, o ambulante Neri da Costa, o homem da bananinha, está cansado. As saídas de bicicleta, com chapéu de aba larga e cestinha de pastéis na garupa, estão mais escassas. Antes ocorriam todos os dias, sempre às 14h, com folga apenas às segundas-feiras.

“Desde o ano passado a gente está pensando em parar”, diz o ex-policia militar, aposentado como terceiro-sargento. “Ele foi no domingo, mas não saiu ontem e nem vai sair hoje”, conta a mulher de Neri, Dalva Maria da Costa, de 73 anos, numa quarta-feira de fevereiro. É ela quem prepara os pastéis de banana. “Já suei muito pingando na pontinha do nariz”, brinca.

Neri chegou a vender 180 pastéis num só dia, voltando em

casa três vezes para reabastecer a cesta. Ele lembra que era muito raro encontrar algum outro ambulante na época em que ele começou a vender bananinha. Porém, hoje em dia vende-se de tudo na praia do Campeche: bebidas, lanches, roupas, redes, acessórios de praia, entre outros produtos.

TRABALHO, MAS SEM GARANTIA DE DIREITOS

Segundo o coordenador de trabalho e rendimento do IBGE, Cimar Azeredo, a partir de 2014 observou-se um crescimento significativo de pessoas que, após serem demitidas de empregos formais, passaram a trabalhar como ambulantes, especialmente no setor de alimentação. De acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADC), havia 1,3 milhão de ambulantes no país no 3º trimestre de 2017. Especificamente no setor de ambulantes de alimentação, eram 501,3 mil pessoas, o que representa um expressivo aumento frente aos 98,4 mil que atuavam nesse ramo em 2012.

Esse é o caso de Josélia Lima, de 43 anos, que em maio de 2017 perdeu o emprego de carteira assinada como ajudan-



Licia Rubinstein



Licia Rubinstein



te de cozinha em um restaurante da Barra da Tijuca, no Rio de Janeiro. Então, Josélia, que é natural do Ceará e mora no bairro do Méier, optou por trabalhar como ambulante em uma barraquinha de cachorro-quente, na avenida Rio Branco, no centro da cidade: “[vender comida] dá mais dinheiro, pois as pessoas deixam de comprar outros bens mas não deixam de comer”, diz.

A aparente autonomia de atuar por conta própria, pela possibilidade de escolher o produto que quer comercializar, o ponto de venda e o preço, muitas vezes esconde uma situação de insegurança social.

“O problema é que a maior parte dessas pessoas não tem registro, não contribui com a Previdência Social e não tem proteção social”, ressalta Cimar.

Josélia conta que ganha um

pouco mais com a venda de cachorro-quente do que recebia no restaurante, mas não tem a segurança da carteira assinada. “No dia em que não trabalho, eu não tenho dinheiro”, diz.

Mas nem todo ambulante vê desvantagem no trabalho informal, como Silvia Barbosa, que há mais de 20 anos trança cabelos no Pelourinho, em Salvador, Bahia. “Eu gosto do que faço, trabalho com orgulho. Já

“Se a gente pensar que no Rio de Janeiro, desde o século XIX, havia ambulantes nas ruas, sendo muitos ex-escravos, existe uma tradição [da atividade] que precisa ser formalizada”

Adriana Magalhães

tentei fazer outra coisa, mas não me vejo em outra área”, afirma a ambulante, que atua nessa atividade desde os seis anos.

SOB O SOL FORTE

A informalidade não é o único desafio enfrentado pelos ambulantes. Na busca por fregueses, muitos precisam se deslocar por vários quilômetros carregando o peso das mercadorias. Trabalhando na praia de Copacabana há 12 anos com produtos para o público infantil, o ambulante Vanildo Mello (foto da capa), conta que o trabalho é muito difícil: “tem que ter muita disposição, determinação e vontade de vencer”. Para ele, o pior é o sol: “para me proteger, eu uso protetor solar, chapéu e, nos dias muito quentes, dou um mergulho para refrescar”.

Ambulantes também estão sujeitos às ações das prefeituras na repressão à atividade e a agressões por parte dos comerciantes locais. Na Rua Grande, no centro de São Luís, no Maranhão, nem sempre os camelôs conseguem trabalhar com tranquilidade. Por diversas vezes os donos das lojas reclamam da presença desses autônomos alegando que, por eles ficarem nas calçadas, atrapalham a entrada dos clientes nas lojas.

Segundo a antropóloga Adriana Magalhães, integrante do grupo de pesquisa Distúrbio, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), é preciso considerar que desde o século XIX os ambulantes estão presentes na paisagem de cidades como o Rio de Janeiro, daí a necessidade de se pensar na precariedade dessa atividade. “Devemos ter cuidado quando vendem a ideia de que está tudo bem se as pessoas que estão perdendo o trabalho formal forem trabalhar como ambulantes. Porque nem todo mundo tem habilidade ou talento para isso”, pondera.

PROFISSIONALISMO TRAZ BONS RESULTADOS

No dia a dia, os ambulantes acumulam saberes práticos na área de vendas, logística, marketing e conhecimentos de língua estrangeira - saberes que utilizam na escolha do produto, na determinação do preço, na definição do ponto de trabalho e no modo como vão abordar os clientes. Um exemplo é o peruano Marco Soria Dias, de 44 anos, que chegou ao Brasil há 19 anos e sempre trabalhou como ambulante. Ele explica que para manter o nível das vendas ao longo do ano precisa

variando os tipos de bijuterias e acessórios que oferece na barraca, situada no Largo da Carioca, no centro do Rio de Janeiro. “No início do ano, minhas clientes brasileiras têm muitas despesas com matrícula e material escolar dos filhos, compram menos, então o jeito é focar nas turistas”, explica.

Já Cida do Acarajé dá a receita para o sucesso de vendas: “o paladar, a apresentação da comida e a limpeza do local, porque eu quero que você compre hoje e volte amanhã”, disse a baiana, apontando para um dos consumidores assíduos que saboreava um acarajé.

Apesar de estar relacionado ao aumento do desemprego e dificuldades de inserção no mercado de trabalho, atuar como ambulante é para muitos um meio de garantir o sustento da família. Também são esses trabalhadores que ofertam produtos, como comidas típicas, que ajudam a preservar a cultura popular. Em 2016, esse reconhecimento foi dado ao Neri, o vendedor de bananinha, que recebeu da Câmara Municipal a Medalha Manezinho da Ilha Aldirio Simões, entregue a cidadãos nascidos ou estabelecidos em Florianópolis que se destacaram em suas atividades. ■

Bananinha

O ambulante Neri da Costa mostra, com sorriso largo, uma foto das inúmeras reportagens de que foi personagem na mídia catarinense.



a arte da sericicultura

texto Larissa Grizolli
fotos Assessoria de Comunicação
da UEM e Larissa Grizolli
design Simone Mello

Descoberta por volta de 4.500 a.C e mantida em segredo durante séculos pelos chineses, a produção de seda é hoje dominada por vários países. Chamada de sericicultura, a atividade consiste na criação do bicho-da-seda para a produção do fio, que já chegou a valer o mesmo que ouro, deu nome à rota comercial entre a China e Europa e é atualmente um dos produtos mais cobiçados pela indústria da moda. O Brasil, distante de todo esse histórico milenar, deu início à sericicultura somente no século XIX. Com o passar dos anos, o país tem ganhado visibilidade internacional na produção de seda graças à qualidade do fio, que é considerado o melhor do mundo.

aue o bicho-da-seda dá origem a um dos fios mais finos que existe, não é novidade. Agora como funciona a cadeia produtiva do setor ainda é um processo desconhecido por muita gente.

Tudo começa com a reprodução das mariposas do bicho-da-seda, chamadas cientificamente de *Bombyx Mori*. O procedimento é totalmente controlado pelo homem e ocorre no campo de criação da Bratac, em Londrina, Paraná, única empresa fornecedora de larvas e produtora de fios de seda no país.

Cada fêmea bota entre 500 e 600 ovos, de onde nascem as larvas que vão tecer os fios de seda em torno de si mesmas, formando um casulo. Do nascimento até o término desse ciclo, a lagarta passa por cinco

etapas de desenvolvimento. Na terceira delas, com sete dias de vida, entra o esforço de pouco mais de 2 mil sericultores brasileiros, oferecendo estrutura e alimentação adequadas para que as larvas cresçam e tecam bons casulos. Com o clima favorável - temperatura entre 20 e 30 graus - esse trabalho dos produtores dura em torno de 25 dias, quando ocorre a colheita e venda dos casulos. Para manter o fio intacto, o bicho é sacrificado ainda dentro do invólucro e depois comercializado para grandes fabricantes de ração. O fio de seda, por sua vez, é desenrolado e exportado para países como Japão, Coreia, França e Itália.

“Hoje o mundo da moda utiliza o fio brasileiro porque é o de melhor qualidade que existe”, afirma Oswaldo da Silva

Pádua, técnico agrícola do Instituto Emater e gerente da Câmara Técnica do Complexo de Seda do Estado do Paraná. De acordo com ele, o clima, os cuidados com o solo e o melhoramento genético das lagartas são algumas das características que influenciam na superioridade dos casulos produzidos no Brasil, que têm em média 1,2 km de fio de seda ininterrupto e sem defeitos.

Os dados da última Pesquisa Pecuária Municipal (PPM), do IBGE, mostram que em 2016 o Brasil produziu 2,8 mil toneladas de casulos de bicho-da-seda, ficando em quinto lugar na produção mundial, atrás da China, Índia e Uzbequistão e Tailândia. O Paraná lidera a produção nacional com 83%, seguido por São Paulo (12%) e Mato Grosso do Sul (5%).



Assessoria de Comunicação da UEM



Assessoria de Comunicação da UEM

Fotos

Pesquisadores trabalham no melhoramento genético do bicho-da-seda para gerar espécies mais produtivas. Uma das pesquisas em andamento investiga a produção de casulos coloridos para não ser necessário o tingimento posterior do tecido, cujo corante polui o meio ambiente.

DA SERICICULTURA, O SUSTENTO DA FAMÍLIA

Na fazenda da família do seu Antônio, o dia começa bem antes de os galos cantarem. Às 3 horas da manhã, Dirceu já está de pé, com as cerca de 320 mil larvas de bicho-da-seda que cria em seus dois barracões. “Venho aqui primeiro, trato e depois vou cortar amora”, diz o agricultor, que alimenta as lagartas cinco vezes ao dia com folhas de amoreira, único alimento que o bicho consome.

A atividade no sítio começou em 1985 e desde então vem sustentando a família. “Acabou o cafezal e a gente começou com o bicho-da-seda”, conta Antônio Dosso, de 75 anos. Hoje, com alguns problemas

de saúde, a responsabilidade de cuidar das lagartas não é mais dele, mas sim da filha Aparecida e do genro Dirceu. A esposa, Maria, ainda ajuda bastante com os trabalhos, mas reconhece que “não é fácil manter um barracão desses”.

A família mora numa fazenda em Nova Esperança, noroeste do Paraná. O município faz parte do Vale da Seda, composto por 29 cidades e reconhecido por ser o maior polo produtor de casulos de bicho-da-seda no Ocidente. Na região, os sericultores viabilizam até 10 criadas do bicho no ano. Nos meses mais frios, a produção é suspensa, pois as amoreiras entram em dormência e as lagartas param de se alimentar,



Latissa Grizolli

prejudicando a formação do fio.

Hoje, no local, cerca de 600 casulos (um quilo) são vendidos pelos produtores a 21 reais. O preço varia de acordo com a qualidade da matéria-prima e rende frutos bons para quem se dedica. “Hoje eu tenho casa, carro na garagem, os moleques estudando, comendo, vivendo. Rico não fica, pode ter certeza. Mas devendo também não tá”, conta Dirceu, que mantém a filha Gláucia na escola e paga faculdade de direito para o filho Douglas. Os filhos não pretendem seguir trabalhando no campo.

DESAFIOS E INOVAÇÃO

A sericicultura no Brasil é uma atividade bastante organizada,

mas que vem perdendo espaço com o passar do tempo. Em dez anos, a produção de casulos de bicho-da-seda no país caiu 36,2%. “Estamos trabalhando para desenvolver alternativas no sentido de sensibilizar os mais jovens para a sucessão familiar”, afirma Oswaldo, que atua na Câmara Técnica do Complexo de Seda do Paraná. A instância é formada por representantes do governo estadual, do Instituto Agrônomo do Paraná (Iapar), das universidades e das associações de sericultores. “É da Câmara que saem programas de governo para melhoria de toda a cadeia produtiva do setor, aperfeiçoamento da assistência técnica, da extensão rural e das pesquisas”, conta Oswaldo.

Também no Paraná, a Universidade Estadual de Maringá (UEM) mantém o único banco de germoplasma de bicho-da-seda público no país, sendo referência em pesquisa no assunto. “O laboratório trabalha em parceria com pesquisadores da Inglaterra, Canadá e França, além de países da América Latina”, afirma a professora doutora Maria Aparecida Fernandez, que coordena o Departamento de Biotecnologia, Genética e Biologia Celular da UEM.

Dentre os avanços obtidos pelos pesquisadores na preservação e no melhoramento genético das espécies estão a identificação de raças altamente produtivas e dos efeitos de inseticidas, aplicados em outras culturas, sobre a produtividade do bicho-da-seda.

Atualmente, uma das pesquisas em andamento investiga a produção de casulos coloridos, obtidos a partir do uso de corantes na alimentação das lagartas. A novidade reduziria um dos processos químicos mais poluentes que existe: o tingimento posterior do tecido, que produz grande volume de águas tóxicas, muitas vezes não tratadas antes de serem devolvidas à natureza. “Conseguir produzir seda colorida por processos naturais sem a necessidade de tingimento seria de extrema importância para a continuação do desenvolvimento da indústria têxtil, porém, sem dano algum ao meio ambiente”, afirma a professora. ■



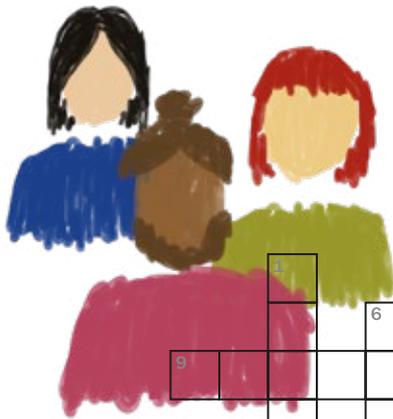
O IBGE de André Jung

André Jung foi baterista do Titãs e do Ira!, grupo que integrou por mais de 20 anos. E o que será que o IBGE tem a ver com essa história?

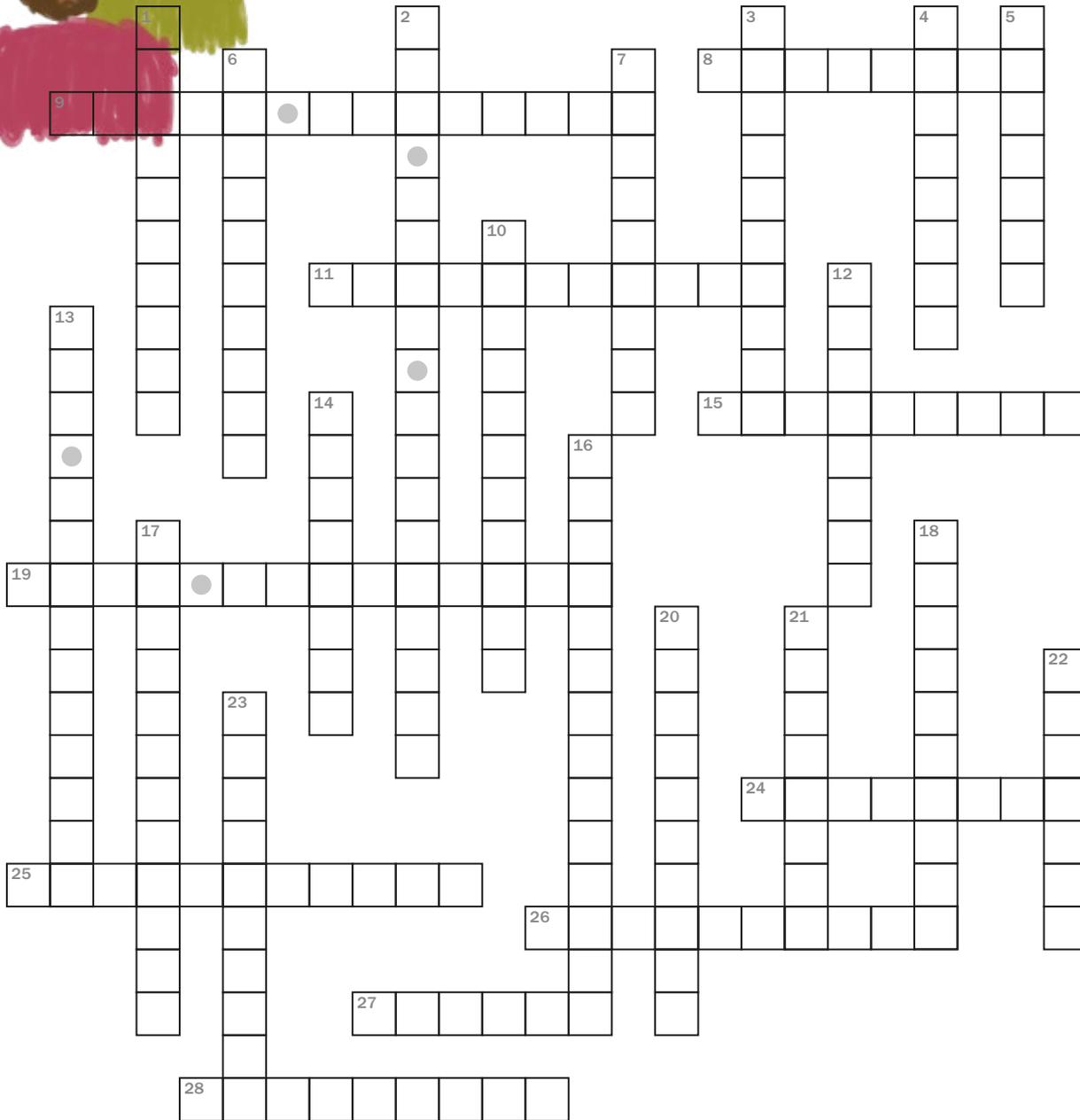
“Em 1980, eu fazia jornalismo na ECA (Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo), apesar de estar focado mesmo em estudar música. Minha carreira como músico ainda estava começando, mas eu já sabia que era essa a profissão que eu queria seguir. Foi nessa época que vi uma notícia sobre o processo seletivo do IBGE para o Censo de 1980. Eu estava doido para comprar umas congas (instrumento de percussão) e o dinheiro que eu ganharia como recenseador seria perfeito. Então me inscrevi na seleção, fiz o exame, passei, fui para o treinamento e comecei a trabalhar, aplicando os questionários em domicílios do bairro de Sumarezinho, em São Paulo. Foi uma experiência incrível, que eu guardo com muito carinho. Tenho muito orgulho de ter atuado numa coisa tão importante para a nação quanto um recenseamento. Além disso, com o meu trabalho no Censo, consegui o dinheiro para as minhas congas! Elas já estavam sendo fabricadas, porque eram feitas sob encomenda por um artesão. E eu fui buscá-las assim que recebi o dinheiro. Essas congas acompanharam a minha carreira. Em abril de 1981, comecei a tocar no Titãs e gravei o primeiro disco deles. Eu era o baterista da banda, mas toquei percussão em muitas músicas. E na faixa Querem Meu Sangue, que o Nando Reis canta, eu toquei um trequinho solo com as congas.”

texto Mônica Marli

foto Paulo Rapoport PoPó



cruzadas temáticas



concepção Helga Szpiz e João Neto

Horizontais 8 - Natural do Espírito Santo 9 - Natural da capital de Rondônia 11 - Também conhecido como barriga-verde 15 - Natural da segunda capital mais populosa da região Nordeste 19 - Natural do estado cuja capital é Cuiabá 24 - Gentílico do estado cuja capital é Fortaleza 25 - Nascido na única capital da região Nordeste que não tem litoral 26 - Aquele que nasceu na capital do Amapá 27 - Natural do Rio Grande do Sul 28 - Aquele que nasceu no estado cuja capital é Aracaju

Verticais 1 - Nascido no estado cuja sigla é PR 2 - Um dos gentílicos do Mato Grosso do Sul 3 - Natural do estado que faz divisa com Tocantins, Pará e Piauí 4 - Aquele que nasceu na capital do Amazonas 5 - Nascido na cidade que tem como um de seus pontos turísticos o Cristo Redentor 6 - Natural de Goiânia 7 - Natural da capital paraibana 10 - Nascido na atual capital do Brasil 12 - Um dos gentílicos do Rio Grande do Norte 13 - Gentílico da capital do Acre 14 - Gentílico do estado cuja capital é Maceió 16 - Aquele que nasceu na capital baiana 17 - Aquele que nasceu no estado mais jovem do Brasil 18 - Gentílico de Roraima 20 - Aquele que nasceu na cidade de São Paulo 21 - Gentílico do estado que tem como sigla PA 22 - Natural do estado de maior área da região Sudeste 23 - Aquele que nasceu no estado do Rio de Janeiro

Horizontais 8: Capixaba 9: Porto-velhense 11: Catarinense 15: Recifense 19: Mato-grossense 24: Cearense 25: Teresinense 26: Macapaense 27: Gaúcho 28: Sergipano
Verticais 1: Paranaense 2: Sul-mato-grossense 3: Maranhense 4: Manausera 5: Carioca 6: Golanense 7: Pessoaense 10: Brasiliense 12: Potiguar 13: Rio-branquense 14: Alagoano 16: Soteropolitano 17: Tocantinense 18: Roraimense 20: Paulistano 21: Paraense 22: Mineiro 23: Fluminense



A notícia de quem produz a informação



O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística tem a sua própria agência de notícias. Digite agenciadenoticias.ibge.gov.br e acesse um mundo de informações em diferentes formatos: releases e vídeo-releases; notícias; infográficos; banco de imagens; vídeo-reportagens; pequenos documentários e reportagens. A Agência IBGE Notícias também produz mensalmente a revista Retratos e gera conteúdo jornalístico nos perfis do IBGE nas redes sociais. Muitas mídias, diversos formatos e um só objetivo: informação para a cidadania.

agenciadenoticias.ibge.gov.br



www.ibge.gov.br 0800-721-8181



MINISTÉRIO DO
PLANEJAMENTO,
DESENVOLVIMENTO E GESTÃO

